

**A FUNÇÃO POLÍTICO-SOCIAL DA MEMÓRIA NO CORPO DE BOMBEIROS  
MILITAR DO DISTRITO FEDERAL**

***THE POLITICAL-SOCIAL FUNCTION OF MEMORY IN THE MILITARY FIRE  
BRIGADE OF THE FEDERAL DISTRICT***

**Phrancis Arley Gomes Sales<sup>1</sup>  
João Nilo de Abreu Lima<sup>2</sup>**

**Resumo**

O presente trabalho pretende se debruçar sobre as questões que envolvem a memória e seus usos dentro dos equipamentos culturais existentes na estrutura organizacional do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, tomando como estudo de caso o Museu Histórico desta Corporação. Desde sua criação em 1856, o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal (CBMDF) passou por diversas mudanças, construindo assim sua história, que por seu pioneirismo, tornou-se a história dos Corpos de Bombeiros no Brasil. Partindo do pressuposto, todo acervo acumulado pelo Museu, testemunho destas memórias, são agora canais de comunicação que precisam de uma ressignificação para cumprirem determinada função, motivo pelo qual passaram a ser acervo. Diante de tantas possibilidades, a memória se torna uma ferramenta essencial para o avanço das Corporações, fornecendo a estas: informações, dados, exemplos, entre outros conteúdos.

**Palavras-chave:** Memória. Museu Militar. História. Corpo de Bombeiros.

**Abstract**

*The current paper intends to address the issues surrounding memory and its uses within the cultural facilities existing in the organizational structure of the Military Fire Department of the Federal District, taking as a case study the Historical Museum of this Corporation. Since its inception in 1856, the Military Fire Department of the Federal District (CBMDF – portuguese initials) has undergone several changes, thus building its history, which through its pioneering spirit became the history of the Fire Department in Brazil. Based on the assumption, all the museum's accumulated collection, testimony of these memories, are now communication media that need a reframing to fulfill a particular function, which is why they became a collection. Faced with so many possibilities, memory becomes an essential tool for the advancement of corporations, providing them with: information, data, examples, among other contents.*

**Key words:** Memory. Military Museum. History. Fire Brigade.

---

<sup>1</sup> 1 Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Museólogo, arley.ph@gmail.com

<sup>2</sup> 2 Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, Bacharel em Direito, niloabreulima@hotmail.com

## **INTRODUÇÃO**

Diante da importante e extensa História que compõe o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, emergiram pelo menos duas necessidades centrais que se desdobraram em outras ramificações: a primeira, a necessidade de resgatar e registrar a memória, que por muito tempo foi negligenciada; a segunda, a necessidade de tratamento e uso desta memória, entendendo-a como ferramenta a ser alinhada à missão fim da instituição, gerando assim uma contribuição para o avanço da Corporação.

Com o crescimento do campo da Museologia desde a década de 80, onde os museus passaram a ser repensados como instituições a serviço da comunidade e detentores de uma função-social, houve um crescimento expressivo dos museus públicos, principalmente aqueles relacionados às instituições públicas, mas não somente. Este movimento, deu-se principalmente pela necessidade de resgatar e registrar a história das instituições e usá-la a seu favor. É notável que muitas instituições não encontram sentido em criar seus equipamentos culturais, traduzido pela inviabilidade financeira de mantê-los, porém os ganhos com este tipo de equipamento é mensurado de outra forma que não a financeira. O Museu do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal nasceu em meados da década de 80, com esforços de militares inativos que vislumbravam a necessidade de consolidar e tratar a história que estava sendo perdida.

## **A MEMÓRIA E SUA FUNÇÃO POLÍTICO-SOCIAL**

### **O conceito de Memória**

A memória é o passado acessado do presente, ou seja, ela está ligada ao nosso presente pela forma como e de onde acessamos o passado, e a história, a representação do passado. A memória é um presente relativo ao passado, uma percepção. Ela não é responsiva, e sim, flexível, não sendo trabalhada com dados, mas com sentidos, podendo ser considerada um estoque de representações. A atuação da memória se faz necessária quando um grupo social não é mais capaz de reconhecer tais representações daquele grupo ou simplesmente incapaz de entender a importância de se manter tais representações. Pierre Nora (1993) afirma que com o passado só podemos conhecer e venerar, que para a Nação o importante é servir ao

futuro, que a história se tornou uma ciência social e a memória é um simples fenômeno particular.

A memória coletiva se torna efetivamente coletiva quando há diferentes pontos de referência na nossa estrutura, uma estrutura moldada no tempo histórico. O que enfatiza a memória coletiva, as tradições, os costumes, as regras, o que se pode definir comum a um grupo e que o diferencia dos demais é o sentido de pertencimento e sua cultura. A memória coletiva é composta por outras memórias diferentes entre si, elas se diferem no traço, no material, na imagem mais visível, na necessidade de não só viver o interior, mas também de suportar as necessidades exteriores, as referências de uma existência que só se vive pelas memórias.

### **Características e usos da memória**

Uma de suas características é a seletividade. O ser humano é incapaz de gravar todo o conteúdo que vive, nem tudo pode ser registrado. Diante disto, pode-se dizer que a partir de outros referenciais, outras influências, a mente humana seleciona e grava aquelas memórias que lhe são de maior interesse, a fim de compor um conjunto de memórias que juntas formarão uma espécie de base de dados, que poderá ser acessada e ressignificada de acordo com sua finalidade como por exemplo para afirmar quem somos, ou seja, formar nossa identidade. Além disso a memória também pode ser arquivada por transferência vinda de outra "base de dados", ou seja, não necessariamente é preciso viver tal fato para assim se apropriar dele. A memória nem sempre pode ser acessada diretamente, algumas não costumam circular na superfície do pensamento e necessitam de dispositivos para serem acessadas, a exemplo: fotos, documentos, textos. Assim é formada a memória coletiva do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal. As memórias individuais dos militares mais antigos são transferidas para a memória coletiva da instituição e passam assim a formar o grande conjunto a qual denominados de "História do CBMDF". Sendo assim, há uma ligação entre as memórias coletivas e as memórias individuais. Cada integrante da Corporação possui suas memórias em relação a determinado momento ou fato. Isto traz ao detentor da memória o sentimento de pertencimento à Corporação, por compreender que suas memórias são também parte da memória coletiva da instituição e ao mesmo tempo quando todos compartilham este sentimento, o significado da palavra "Corpo" de Bombeiros passa a ter sentido um sentido sólido nas relações dos militares. Dito isto, pode-se entender que a memória individual e

coletiva de cada componente deste grupo social (Corpo de Bombeiros) aguça o sentimento e o dever da profissão, promove a união e valoriza cada um como membro de um Corpo em funcionamento. Diante do pressuposto, não se pode mais enxergar a memória como simples dispositivo de guarda, visto que ela assume diversas funções mesmo que não propositalmente. A memória é líquida, no sentido de que pode assumir várias formas, pode adquirir vários usos e funções de acordo com o significado que a instituição a confere.

Pollak (1992) traz outra visão sobre a memória, em oposição ao conceito anterior de memória coletiva, mas não em detrimento dele, quando afirma que, a exemplo, a Memória Nacional é composta por itens oficiais, legitimados e concretos sobre um determinado fato sendo compartilhados por um grupo social como por exemplo: datas oficiais, nomes de pessoas de destaque. Esse conjunto de itens "oficiais" conferem àquele grupo uma memorial coletiva sólida, sempre reafirmada através de comemorações tradições. É notável que dentro deste sistema legitimador de memórias, se assim pode-se chamar, ocorre negociações de poder e em consequência pode ocorrer implicações negativas, como afirma Pollak (1989), o problema de toda memória oficial é o de sua credibilidade, de sua aceitação e também de sua organização. Para que emerja nos discursos políticos um fundo comum de referências que possam constituir uma memória nacional, um intenso trabalho de organização é indispensável para superar a simples "montagem" ideológica, por definição precária e frágil.

Dentre as vantagens deste tipo de memória está seu potencial de manter sempre à mente daqueles que a compartilham, a memória viva sobre tal acontecimento ou pessoa. A partir disto, é possível se aproximar de outra característica da memória, a política, no sentido amplo da palavra. A memória política assemelha-se ao que pode ser chamado de fenômeno construído, ou seja, ela assume uma função dentro de determinado cenário ou grupo social e é criada com base em elementos ou fatos. Neste tipo de memória pode-se dizer que em sua essência ou surgimento há, de modo intrínseco ou não, um objetivo, uma função a qual ela pretende satisfazer. Esta função pode ter caráter político, mais uma vez, em sentido amplo. A título de exemplo, ruas, alguns órgãos, estádios, entre outros, recebem um nome ou um título que pretende instituir uma espécie de lembrete que não deve ser esquecido.

### **O museu como dispositivo da memória**

A memória pode ser considerada a parte abstrata de um objeto de museu, já que ela representa o passado de maneira significativa, sendo a forma mais clara de se revelar e de se perpetuar, considerando que um determinado objeto dispõe de uma massa de significados.

O acervo de um museu, e conseqüentemente a memória que ele transporta consigo, assemelha-se a um suporte de informação. Considerando a informação Cognitiva um conceito importante, já que cada ser humano mantém informações consigo, e os objetos também carregam um unidade informacional, neste encontro há um compartilhamento de memórias. A medida em que o objeto faz referência a uma determinada memória sobre tal fato ou pessoa, aquele que o observa imprime de forma particular suas memórias individuais sobre tal objeto, fazendo com que haja uma relação entre o observador e objeto. Indo mais além, Pomian (1984) acredita que o objeto é capaz de portar sentido existencial e não apenas cognitivo. A memória está entre o visível e o invisível, no espaço tempo e sempre trazendo importância para outras realidades.

Um objeto antigo encontrado na modernidade raramente poderá exercer sua funcionalidade originária para a qual foi criado, pois sua finalidade agora passar a ser significar o tempo. Acredita-se que há tempos as nações deixaram de ser lugares de memória por vários fatores como as guerras e a destruição do bens culturais, que para alguns podem ser considerados como a materialização da memória. Em contraponto, diante do que parece ser o dever de rememorar tudo, Pollak (1989) alerta sobre o que ele chama de uma "disputa de memória", uma luta interna sobre memórias proibidas, envergonhadas, culpadas, felizes. É importante considerar as etapas da memória, para que nenhuma perca sua relevância dentro da sua função, seja ela de trazer algum aprendizado ou de satisfazer um desejo de memória.

A memória como arte de um lugar, campo social, arquivos, livros, documentos e acervo de museu, considerada a partir de materiais simbólicos e funcionais, vem do entendimento de que não há memória espontânea, por isso se guarda informações na intenção de salvaguardar a memória, que pode ser coletiva, mas para além disso, ser considerada única.

O lugar de memória, seja museu ou qualquer outro equipamento cultural, não tem mais o simples papel de conservar a história, esse papel deve ser repensado, pois há diversas maneiras de determinar o que pode ou deve ser o passado e o presente. A memória é um trabalho constante de busca de sentido atrelada à história. Por outro lado, Pierre Nora (1993) afirma que a história é morta pelo motivo de usar apenas fatos e que por isso não se reinventa. Um lugar, uma instituição, uma casa ou qualquer outra forma de se expressar uma memória,

que tem o papel de ser a representação da memória, se não for reelaborada constantemente, tende a engessar uma memória em detrimento de outras, causando uma espécie de silenciamentos de outras memórias possíveis. Sendo assim, os museus e lugares que pretendem utilizar a memória como conteúdo para justificar sua existência, devem a todo tempo ressignificar seus usos, seus moldes e seus caminhos.

O museu é como um ponto de memória, a instituição que tem a finalidade de salvaguardar a memória e ressignificar a história, é a relação entre a história e o povo, é a chave para manter viva a memória de toda uma comunidade ou grupo social. O Museu Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal não é só um lugar de memória, é uma arena de desconstrução e construção do conhecimento, espaço de compartilhamento de memórias e instituição a serviço da comunidade e do CBMDF, alinhado à sua missão fim.

### **Os museus militares e seus usos**

Esta parte do artigo pretende expor como algumas instituições militares se utilizam dos museus e de suas funções ao expor sua história e suas memórias sob o formato de museus.

Em primeiro caso, tomando como exemplo o Memorial Aeroespacial Brasileiro (MAB), localizado em São Paulo, seu acervo conta com uma boa parte de objetos destinados à recuperação e manutenção de sua história e que ao longo das últimas décadas conquistou o reconhecimento da comunidade científica brasileira e internacional.

O MAB foi construído para contar a história do Departamento de Ciência e Tecnologia Aeroespacial (DCTA), transparecendo o nível de alcance da indústria aeroespacial Brasileira. O MAB tem como objetivo ser uma referência do pólo tecnológico que se tornou São José dos Campos e região. Seu acervo está distribuído nos ambientes: aeronáutico, espacial, de ensino, defesa e pesquisas associadas. O ambiente aeronáutico exhibe as primeiras e as principais pesquisas do DCTA, incluindo maquetes de ensino em túnel de vento, maquetes dos foguetes VLS-1 (Veículo lançador de Satélites) e do Sonda, tubeira e protótipo do giroscópio à fibra óptica, semicoifas, propulsores, entre outros. O ambiente de ensino contém algumas curiosidades de 1950, como o primeiro aparelho de fax utilizado pelo ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica) e painéis que contam a história do instituto. O ambiente de defesa, expõe itens pesquisados e desenvolvidos pelo DCTA e pelas empresas Mectron e Avibras, manifestando a indústria bélica brasileira com mísseis, empenas, bombas

e suporte com lançadores múltiplos. O ambiente de pesquisas associadas exhibe as pesquisas de ponta realizadas pelos institutos do DCTA. Pode-se concluir que o MAB contribuiu para a imagem institucional e consequentemente do Brasil em comparação a outros países ao apresentar os "produtos" desenvolvidos pela instituição, conferindo ao trabalho um caráter sério, transparente e tecnológico.

Outro exemplo é o Museu Naval, localizado no prédio centenário no centro da cidade do Rio de Janeiro. Em seu acervo contém obras de arte, modelos navais, figuras de proa, canhões resgatados de navios naufragados, documentos históricos e medalhas. Em sua exposição de longa duração "O Poder Naval na Formação do Brasil" ocupa-se sete salas do pavimento térreo do Museu e destaca a importância do Poder Naval na história do país. O Museu Naval possui ainda uma sala exclusiva para ações educativas, onde acontecem peças teatrais e atividades de arte educativa para o público infanto-juvenil. No segundo andar, há duas áreas expositivas: uma com ambientação reproduzindo a fachada da casa do Almirante Tamandaré e outra para exposições temporárias. Um exemplo de seu grande e rico acervo está no Pátio d'Armas, onde há um móvel com mais de 50 pássaros representando aves que sobrevoam os mares do Brasil e, no piso, em grandes vitrines, são encontrados um torpedo B-57, de 1894, e uma mina utilizada na Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, o Museu Naval assim como outros museus, transparecem o caráter da instituição. Esses museus funcionam como uma espécie de sala de visitas, onde a sociedade em geral pode conhecer um pouco mais da instituição e de seus feitos, promovendo a interação da comunidade com aquela instituição. Nesse sentido, pode-se dizer que os investimentos feitos são relativamente baixos, visto que o espaço é de propriedade da própria instituição e seu acervo também, ficando como ônus apenas a organização e tratamento desse acervo para exposição, que se comparado ao retorno gerado pelo marketing institucional, torna-se insignificante.

Aproximando de museus de forças auxiliares, e também de território comum ao Museu do CBMDF, encontra-se o Museu da Polícia Militar do Distrito Federal (PMDF), localizado dentro de um complexo junto a outros órgãos desta instituição. Conta com um acervo para manifestar sua história que data do início da construção de Brasília, quando a antiga Guarda Especial de Brasília (GEB) foi incorporada à Polícia Militar. Desde então, ao longo do tempo, fardas, brevês, armamentos, viaturas e equipamentos foram sendo aperfeiçoados até os atuais dias. Em sua exposição, está exposto entre outras curiosidades, as informações sobre uma série de artefatos históricos, placas, medalhas, fotografias e até equipamentos utilizados em controle de distúrbio civil.

## **O Museu do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal**

Partindo para o assunto principal, o Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, também conta com um Museu, que está instalado no Hall do Auditório Coronel José Nilton Matos, localizado no complexo da Academia de Bombeiros Militar.

O acervo do Museu Histórico do CBMDF engloba a história do avanço deste Corpo de Bombeiros, quando iniciou sua trajetória no Rio de Janeiro até a transferência para Brasília. Constituindo-se por troféus, capacetes, revistas, quadros, fotografias, uniformes e viaturas. O Museu foi criado por um grupo de inativos com o simples propósito de manter sua memória viva e mostrar seu avanço em todos esses anos de existência.

Em determinado momento, tendo sido criado o Museu na Corporação, foi identificado que a gestão desta instituição precisava de um membro mais técnico, que dominasse a dinâmica e as particularidades de um Museu, sendo assim, foi incluído no último concurso realizado em 2016, o cargo de Museólogo, a ser exercido por um oficial do quadro complementar formado na área da Museologia. Diante disto, o Museu voltou seus esforços para sua reorganização não somente física, mas conceitual. Os museus deixaram de ser apenas lugares de guarda do passado, passaram a ser arenas, territórios complexos, práticas sociais envolvidas com produção de conhecimento, preservação de bens e manifestações culturais, criação, afirmação de identidades e comunicação. Agora o Museu passava a ser entendido como um espaço privilegiado para a produção e reprodução do conhecimento, tendo a cultura material como instrumento de trabalho.

Uma das preocupações da equipe do Museu era a de fazer o exercício de se aproximar da missão fim do Corpo de Bombeiros, no sentido de não estar caminhando em sentido contrário ou destoante daquele traçado pela instituição maior. Além disso, cabe ressaltar, que os museus subordinados às suas instituições mães devem se alinhar às suas estratégias no sentido de trazer para si um caráter útil, deixando de lado a visão de que um museu dentro de uma instituição pouco contribuiria para melhorias efetivas dentro da instituição, o que por sua vez refletiria nos aportes financeiros para o museu. Porém, por falta de habilidade, familiaridade ou conhecimento técnico na área, muitos museus acabam por não



vislumbrar dentro do seu cenário institucional uma saída para caminhar em paralelo à instituição maior.

Utilizando-se do exemplo do Museu Histórico do Corpo de Bombeiros Militar do Distrito Federal, propõe-se alguns apontamentos e possíveis caminhos trilhados por este Museu que podem ser tomados como base para o desenvolvimento de trabalhos futuros ou até mesmo criações de outros museus de Corpos de Bombeiros.

Partindo do pressuposto, tomando o museu como espaço político e politizado, como território a ser trabalho e negociado em favor da evolução da Corporação, foram pensadas algumas trilhas e alinhamentos possíveis que articulassem não somente a História da instituição, pois seria pouco enriquecedor, mas a partir disso: pensar a elaboração de elementos expositivos que reafirmassem a imagem institucional do CBMDF como órgão de excelência no DF e no Brasil; disseminar dentro da própria Corporação os princípios e valores do Bombeiro Militar; elaborar programas educativos a partir de uma exposição que promova ainda mais a aproximação da comunidade com a Corporação; promover a interação entre o público e os bombeiros criando uma relação mais íntima e próxima; estimular na comunidade a sensação de que ela também faz parte da Corporação no sentido de que suas ações de prevenção contribuem para o serviço de bombeiro; disseminar conhecimentos básicos de combate a incêndio, salvamento e atendimento pré-hospitalar através de atividades lúdicas com o público visitante; satisfazer algumas competências previstas em Lei ao CBMDF como [...] desenvolver na comunidade a consciência para os problemas relacionados a incêndios, acidentes em geral e pânico, além de [...] promover campanhas educativas direcionadas à comunidade em sua área de atuação, através de ações educativas dentro do próprio Museu utilizando o público visitante como alvo, ou até mesmo escolas ou instituições públicas em geral.

## **CONCLUSÕES**

Conclui-se que os Museus como dispositivos da memória são, em potencial, ferramentas capazes de contribuir com as instituições a qual pertencem. São além de tudo meios de comunicação entre a comunidade e a instituição, estabelecendo canais de interação e conhecimento sobre tudo que é desenvolvido ali. Através das exposições dentro dos museus é

possível traçar vários objetivos, seja ele divulgar a história, conquistas, trabalhos desenvolvidos, eventos e metas alcançadas. As exposições são um meio privilegiado de mediação cultural e um elemento constante de qualquer museu. Na medida em que elas transmitem ideias e criam um espaço de partilha de conhecimentos e interpretações, as exposições são meios de comunicação e de aprendizagem por excelência. Conjugando os vários sentidos: visão, audição, olfato, tato e por vezes até mesmo o paladar, as exposições proporcionam novas experiências e, de forma informal, permitem a desmontagem de alguns fatos, o contato com novas interpretações, a construção de novos conhecimentos, a estruturação de novas representações e o desenvolvimento de valores e atitudes ao mesmo tempo que se apresentam como locais de lazer capazes de criar momentos de evasão para os seus visitantes. Entendendo as exposições como importantes meios de comunicação, aprendizagem e de mediação cultural, é de salientar a exigência e a consciência que a sua preparação e o seu desenvolvimento exigem. Os museus são meios de comunicação por natureza, as instituições utilizam-se de seus museus para disseminar informações e se aproximar de seu público, enquanto empresas comerciais utilizam-se para reafirmar sua imagem ou de seus produtos no mercado. De entre as várias funções do museu, está a transmissão de ideias, conhecimentos e valores através de dois mecanismos essenciais: as exposições e os programas educativos que podem ser entendidos como tipos específicos de comunicação.

As exposições, enquanto locais que disponibilizam ao público coleções e informação, para além de meios de comunicação, são meios educativos por excelência. Para compreender de que forma uma exposição se torna um meio educativo, convém entender como é entendida a educação nos museus e de que forma se processa a aprendizagem nos espaços museológicos. Contudo, é necessário ter como premissa inicial que, quando falamos de educação em museus, esta não se restringe a jovens nem apenas ao público escolar pois ela afeta todos os públicos, desde os mais jovens aos adultos. Num contexto museológico a educação entende-se como algo que se desenvolve ao longo da vida.

Ao longo das últimas décadas, os museus reequacionaram a sua relação com os visitantes. A primazia do objeto e das coleções começou a ser posta em causa e elevaram-se questões relacionadas com a importância do museu enquanto local de aprendizagem. Ela tem que ser organizada e refletida de modo a alterar as estruturas cognitivas do sujeito e criar novas representações. De entre as suas várias funções, para além de colecionar peças, cuidar das suas coleções, conservá-las, investigar e interpretá-las, os museus têm, ainda, como

finalidade expor objetos para os tornar acessíveis ao público. Mas a sua finalidade não se esgota aí. Os museus devem tornar o seu patrimônio inteligível. Neste contexto, as exposições têm um papel relevante pois apresentam aos visitantes um conjunto de objetos acompanhados de textos interpretativos que, ao procurarem passar uma mensagem, tornam os objetos compreensíveis.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Carlos, Alberto, Ávila. O Conceito de Informação na Ciência da Informação. **Inf. & Soc.**, Paraíba, Vol. 20, N. 3, p. 95-105, set./dez, 2010.

GOMES, Oliveira, Alexandre; OLIVEIRA, Ana Amélia, Rodrigues de. A Construção Social da Memória e o Processo de Ressignificação dos Objetos no Espaço Museológico. **Museologia e Patrimônio**, Rio de Janeiro, Vol. 3, N. 2, p. 42-55, Jul./dez, 2010.

MENESES, Ulpiano, T. Bezerra de. Memória e Cultura Material: Documentos pessoais no Espaço Público. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 11, N. 21, p. 89-103, Jan./Jun, 1998.

NORA, Pierre. Entre Memória e História: A Problemática dos Lugares. Projeto História. **Revista do Programa de Estudos Pós-graduação em História**, São Paulo, Vol. 10, N. 1, p. 7-28, Dez., 1993.

POLLAK, Michael. Memória e identidade Social. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, Vol. 5, N. 10, p. 200-212, Jul./Dez, 1992.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento, Silêncio. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, Vol. 2, N. 3, p. 3-15, 1989.

POMIAN, Krzysztof. Coleção. In: **Enciclopédia Einaudi**. Lisboa: Imprensa Nacional/Casa da Moeda, p. 51-86, 1984.